

Uma leitura nas cartas de Dalcídio Jurandir *

Rosa Assis

A leitura que fizemos de parte da correspondência de Dalcídio Jurandir nos serviu para conhecer melhor a personalidade e a obra do homem e do escritor. Para facilitar nossa interpretação, lemos essas cartas com os olhos voltados para três direções: a primeira, a do homem afeiçoado às coisas de sua terra; a segunda, a do homem que sentiu a necessidade de deixar registrado em suas obras não só recordações de sua infância e adolescência, mas também os problemas sociais que sempre o afligiam e, a última, a do escritor preocupado em acompanhar os caminhos de sua produção literária. Nossos comentários, nessas três direções, serão acompanhados de trechos extraídos das cartas em estudo.

Surge essa correspondência como fruto da amizade que unia Dalcídio a Cléo Bernardo**, e, posteriormente, à Maria de Belém Menezes**. Esta, num gesto fraterno, remetia ao amigo, que já fixara residência no Rio de Janeiro, recortes de nossos jornais com notícias do cotidiano de Belém e Marajó, assim como enviava as nossas melhores *especiarias*. Isso só servia para fortalecer as raízes mais profundas de Dalcídio, que ele mesmo enterrara aqui, em Belém. Essas notícias ora lhes proporcionavam intensa satisfação, ora profunda desilusão, tudo dependendo, do assunto que os recortes registravam. A interpretação dos fatos do dia a dia, feita por Dalcídio, é um depoimento valioso, que em muito serviu para uma melhor análise da sua obra.

Dalcídio já se habituara a receber cartas de Maria de Belém, e se por qualquer motivo esta demorava a escrever, logo queria ele saber o que estava acontecendo, o que se passava com ela. A amizade com Maria se Belém se estreita na medida em que eles se aproximam pela identidade de pensamento e de sentimento, daí afirmar: **Me dou por feliz por uma amizade como a sua, patrimônio do Bruno, que me puxa as raízes e me banha com as águas do Pará e me faz cair de braços no chão e me torna menino nos campos do Arari (27-9-74).** Passados os anos, amiudada a correspondência, Dalcídio, um dia, lembrou da família Menezes, mas personagem de seu romance,¹ e, em quase tom de lamúria, assegura à Maria de Belém: **E muito me doe dá o nome de Menezes à família má do meu romance. Nela estão bons e maus e dela se destaca o dr. Edmundo, o do búfalo que aparece em Três casas e um rio e cavalga em todos os volumes subsequentes.**

(14/8/76)

Lembramos que essas cartas eram a volta do correio, daí justificarem-se certos trechos que, implicitamente, remetem a outros. Exemplo disso é o que se dá neste segmento: **Me doe a visão do Pesqueiro que conheci nas minhas andanças por Soure, visão que ficou em mim para sempre. Também fala da praia do Conde em Barbacena onde corri uma certa manhã como índio. Selvagem juventude!** (sem data) Nesta mesma carta, lembra o trapiche de Soure, onde, conforme ele mesmo diz, **embarcou e desembarcou muitos sonhos.** É curioso observar que Dalcídio revivia sonhos passados, e nesse reviver, ouvia até mesmo a voz dos caboclos dizendo, gostosamente *Soures*.

Tudo que lembra a cidade de Belém é bem-vindo a Dalcídio, quiçá como reconhecimento da experiência que aqui recolheu e espalhou em suas páginas. Dessa forma, ao receber o Prêmio Machado de Assis², agradece em um discurso bem paraense, do qual registra em carta este fragmento: **Fiel e teimoso, recolhi em dez volumes um depoimento agreste e íntimo de coisas e gentes de Marajó e Belém do Pará, a Belém de Eneida e Bruno de Menezes.** Morava no Rio de Janeiro, mas *vivia* em Belém. Respirava esta cidade e, tudo que daqui partisse e chegasse às suas mãos, imediatamente era sorvido por ele - **Novamente uma chuva generosa de recortes. Respiro Belém, devoro as novidades, recomponho o meu frágil ser paraense.** (22/3/75). Assim, as notícias e as delícias que recebia de Belém o transformava num menino alegre, como se descobrisse naquele instante o mundo. Voltava ao passado e, correndo, transformava-o em presente, pois a infância e a adolescência do escritor estavam presas ao seu chão, chão que ele selou em suas páginas ao recordar em seus romances o mundo paraense em toda a sua riqueza. Logo, não é de se estranhar a presença em suas obras, e agora também em suas cartas, de elementos recorrentes, como a pupunha, o cupuaçu, o tacacá, o banho de cheiro, as festas juninas etc... São eles o ponto capital de sua correspondência. Vejamos pelo menos como alguns desses elementos brotam: o doce de cupuaçu, que um dia recebera de Maria de Belém, *docemente*, com estas palavras comenta: **Do doce, feito em casa, sinto o sabor da província, o gosto e a poesia das varandas à sombra das mangueiras depois da**



chuva. **Comi o Pará e me embebo de Belém, cidade para mim onipresente.** (7/3/76). Já em outra ocasião dissera: **Quanto ao cupuaçu, não desgruda de minha vida a sua polpa e o seu vinho.** (Sem data) O cupuaçu, ou simplesmente o cupu, foi o fruto que *recendeu* nas páginas de seus romances como se pode constatar no exemplário próprio³: fruto que trazia Dalcídio, magicamente, de volta à infância.

Além do cupuaçu, também recebia da amiga Maria de Belém a pupunha, que, imediatamente, atíça a memória de Dalcídio, levando-o também de volta ao sabor do passado, de repente vivo e presente em sua lembrança, agora proustianamente saborosa, a reviver o gosto do tempo: **Que tarde de domingo gentil foi essa em que se lembrou de mim, mandando-me recortes vivos de nosso Pará! Pupunha, por exemplo, vejo os tabuleiros gordos, dourados ... vermelhos, suando na cabeça dos meninos. E então pupunha não tem mais na rua?** (Sem data). Essa mesma pupunha aparece em sete de seus dez romances⁴. É ainda a carta que vem reforçar essa presença manifesta em sua obra: **Quanto à pupunha, ela está dentro do menino e do rapaz que fui e que, por vezes, volto a ser. A dourada, a transpirosa pupunha.** (10/ 6/72)

Porém não eram só as frutas e os frutos que faziam bem a Dalcídio, mas também as ervas, em especial as aromáticas, como a *catínga de mulata*, que chegavam das mãos de Maria de Belém: **A catínga de mulata me servirá para rever o Pará quente, em noites frias, me dando o poder de caminhar pelo Bosque e comer gurijuba na proa de uma vigilenga. Assim sendo, como de fato, não cortando sua palavra, lhe juro que estou muito comovido, que os caruanas lhe tragam do rio um diamante azul.**(2/7/73). A *catínga de mulata* é somente evocada em um dos seus romances, ao passo a gurijuba, peixe freqüente nas costa do Pará, aparece em seis deles.⁵

O mundo da fantasia, que aparece no trecho acima, está muito bem representado pelo *caruana*, duende protetor, que, geralmente, povoava a imaginação das pessoas simples de nosso interior e que é agora recordado na carta, como outrora *encantara* parte da obra dalcídiana⁶.

Por falar em fantasia, lembremos aqui a magia da medicina caseira, que saiu de seus romances⁷ e voltou, literalmente, à vida de Dalcídio, pois, como se sabe, sofria ele de parkinsonismo, e não recusava qualquer ajuda para se ver livre não só das fortes dores que sentia mas também da angústia de não poder escrever. Assim, respondendo à Maria de Belém, quando recebeu desta o marapuama disse: **E quanto ao marapuama a quantidade iluminou o meu quarto e vi a selva entrando com seu encanto, me dando provas de que vou melhorar. Mas a doença é teimosa.** (3/7/75) Esta

erva medicinal, segundo a crença popular, serve de estimulante à circulação.

As cartas também registraram o desencanto de Dalcídio, quando leu a notícia da demolição dos sobrados azulejados de sua infância. **Feliz com a sua carta e os recortes. Triste, tristão, ao saber que meus sobrados de azulejo roxo se acabaram. É a minha Belém que morre. O menino do romance evoca numa página a figura dos quatro sobrados agora encantados.**(6/5/74)

Esta descaracterização da cidade impressionou tanto a Dalcídio, que, três dias após haver escrito à Maria de Belém, também escreve ao amigo Cléo Bernardo e diz: **A Maria de Belém me mandou um escrito de Raimundo Moura que fala dos quatro sobrados de azulejo roxo postos abaixo. Tiram de Belém um pouco mais de seu caráter, de sua beleza provinciana. Para onde foram os azulejos roxos?** (9/5/74) Os azulejos fizeram parte da vida do menino Dalcídio e mais tarde do menino Alfredo, como o próprio Dalcídio já afirmara. A capa do romance **Belém do Grão Pará** mostra, nitidamente, esses sobrados com seus azulejos roxos.⁹

Outra demolição que muito emocionou e até chocou Dalcídio foi a da Fábrica Palmeira. Em um de seus romances, a Palmeira aparece como a maior fábrica do Norte. **Me doe a fábrica Palmeira. No “Chão dos Lobos”, ela está incendiada e vem o S. Pedro, de Santana, ajudando o povo a apanhar os salvados do incêndio.** (10/11/76) Neste romance a evocação a esta fábrica é até alegórica e vem acompanhada de um belo cenário.¹⁰

Mas não são apenas por esses azulejos e nem pela fábrica que Dalcídio *chora*, mas também pelo Bosque de outras épocas: **Noventa anos de Bosque! Em “Belém do Grão Pará” falo dele e agora me embrenho na macia treva folharal e espero a lua.** (29/9/73). A maneira como Dalcídio, nesse romance, narra e descreve o passeio no Bosque¹¹ é de uma leveza que bem justifica a lembrança de tempos “idos e vividos”.

As cartas também revelam, ou melhor, evidenciam o suposto caráter auto-biográfico dos romances de Dalcídio, pois a íntima relação entre o menino Alfredo, personagem central dos romances e Dalcídio Jurandir, personagem fundamental em nossa ficção, se torna muito clara pelas evidências entre os dois, tanto que, às vezes, mal sabemos quem é o personagem e quem foi o autor. Leiamos esse segmento de uma das cartas: **As notícias sobre as festas de Nazaré já me eram conhecidas. O arraial morreu. De heróico e de incorruptível resta o cavalinho onde, em 22, montei já tamanho biguane, montando o que deixara de montar desde pirralho.**(19/6/76) Esse mesmo arraial, esse mesmo cavalinho estão também no romance **Belém do Grão**



² Pará, e Alfredo é o protagonista dessa recordação.¹²

Estavam ainda nas lembranças de Dalcídio as festas populares, sempre tão presentes em sua vida, que chegou, quase em tom de pranto, a escrever à Maria de Belém e dizer: **S. João não tem mais no Rio. Raro se falar. Um e outro lugar, há um vago rumor junino. Os balões sumiram. Espero que isso não se passe com Belém. Me lembro do cheiro e da fogueira na cidade. Segui bois e cordões na noite encantada.** (16/6/73)

A quadra junina era tão forte e marcante para Dalcídio, que ele remete mais uma carta à Maria de Belém, praticamente um mês depois, só para lembrá-la que registrou em **Chão dos Lobos** o banho de cheiro tão comum às festas de Santo Antônio, São João e São Pedro: **A feira de cheiro cheiroso também está presente em meu "Chão dos Lobos", volume inédito da série que começa com "Chove nos campos de Cachoeira". Quando jovem, me deu ela muito espanto e encanto, dela saio aliviado da minha ansiedade, dos meus desenganos e descaminhos. Eu encontrava na feira o paraíso perdido.**¹³

Já que estamos falando em São João, lembramos o tacacá, a cuia, e registramos o pitoresco de um trecho de uma carta, acompanhado do comentário não menos sensível de Dalcídio, acerca da palavra *saudade* gravada em uma cuia. Aliás, isto era um hábito comum em Belém, e no interior, gravar nomes, apelidos e paisagens nas cuias. Assim, dificilmente se encontrava uma cuia pitinga, pois em geral todas estavam pintadas. Mas vamos ao comentário: **O caso das cuias é saboroso. A çaudade é uma saudade própria das cuias, é parte da pintura das cuias. Isso me faz ter uma çaudade com muito c cedilhado de Santarém, onde vivi um ano. Guardo o raminho e a çaudade.** (1/ 7/ 74) As cuias, que serviam não apenas para o tacacá ou para o mingau, mas também para o banho "de cuia", com a água tirada da tina, estão em quase todos os romances da Série Extremo-Norte, como um forte elemento de recorrência ao chão de Dalcídio.¹⁴

Não eram apenas as coisas materiais que sensibilizavam Dalcídio, mas também o destino do homem simples, o homem do povo, explorado e esmagado pelos poderosos. Desta feita, fica ele muito satisfeito ao receber carta de Cléo Bernardo, falando da atuação de Padre Giovanni Galo, na defesa não só dos interesses da região marajoara, mas também dos que lá vivem: **O padre italiano me lembra o que escrevi em "Marajó" em torno do Jenipapo. A coisa se agravou e o padre não mede cautela. Esse rosto amazônico é o que perdura na vila e povoados, pobreza das mais pungentes.** (31/10/73). Esta situação de conflito sempre foi preocupação de Dalcídio, e quando um assunto lhe tocava mais profundamente, ele como que sentia necessidade de dividi-lo com os amigos, escrevendo para

Cléo e para Maria de Belém, falando sobre a mesma coisa. É como se quisesse reforçar aquilo que alguns anos já *gritara*, calado, em seus romances: **O padre Giovanni Galo é corajoso, sim, senhor, tocando em feridas velhas de Marajó, na área do Jenipapo e Santa Cruz do Arari. Feridas que sangram em meu romance "Marajó" cuja segunda edição pretendo organizar.** (9/10/73) Isso apenas vem confirmar que essa inquietação sempre estivera presente no espírito do escritor.¹⁵



Do Rio de Janeiro, mas com os olhos em Marajó, Dalcídio comenta, em carta com Maria de Belém, as enchentes: **Sobre as enchentes em Marajó, o espetáculo é o mesmo. No meu romance "Marajó" eu falo da água invasora. O "Chove" está enchendo assim como "Três casas e um rio". Toda a minha obra flutua na enchente. Vejo o jacaré, o peixe aruanã e os defuntos que escapam do cemitério alagado. Morei numa casa em cima d'água. Até hoje oiço os peixes e as marrecas e as chuvas enormes.** (6/6/74). A água é tema forte, é presença constante em seus romances. Em seus personagens, as lágrimas são águas derramadas, são rostos lavados. Comovido lembra: **Os meus personagens são mais miúdos, os problemas são mais existenciais.** (1/8/72) Já dissemos em outra ocasião que a gente humilde habita as páginas dos romances de Dalcídio, como canoeiro, taberneiro, vaqueiro, pescador, roceiro, vendedor ambulante, bêbado, doceiro, pupunheiro, viajantes, etc que foram seus personagens, mas também sua preocupação maior, como documenta este fragmento de carta escrita a Cléo Bernardo: **Só tenho a temer é a manipulação de Marajó pelos "planos" que visam o enriquecimento de poucos e a miséria maior da gente marajoara. O pé rapado vai ganhar alguma coisa? Meus pobres personagens de "Marajó" terão paz. O vaqueiro, o pescador, o roceiro, estes ganharão?** (20/10/74) Aquela água invasora a que se refere acima está bem clara no romance.¹⁶

Novamente a água vem à tona nas lembranças de Dalcídio: **Os mapas da área marajoara são de grande interesse para mim. A vista do rio Arari me apertou o coração. Rio de minha infância e adolescência, sempre novo, recém-nascido, como Alfredo vê em "Primeira manhã".** (26/10/76) Realmente o menino Alfredo assim vê o rio.¹⁷

A leitura dessas cartas em muito nos ajudou a esclarecer o texto *mutilado* da segunda edição do romance *Chove nos campos de Cachoeira*, isso graças ao que escreveu à Maria de Belém: **Talvez seja lançada a 2ª edição, este ano, do "Chove nos campos de Cachoeira", embrião de toda a obra longa e inacabada. Não mexi no texto, a não ser esta e aquela**

palavra, deixo-o como está, **bárbaro**. (19/1/74) (os grifos são nossos). As falhas revisionais que tanto nos inquietaram foram, também, motivo de preocupação para o escritor, pois inúmeras vezes também comenta com Cléo Bernardo como iria sair a segunda edição do **Chove nos campos de Cachoeira: Parece que vai sair a 2ª edição do "Chove nos campos de Cachoeira"**. Não mexi no texto, pois se fosse mexer seria um estrago. (29/1/74) E ainda mais **Parece que vai sair a segunda edição do "Chove" que não mexi, deixei como apareceu**. (27/9/74). Apenas a título de ilustração, apresentaremos um exemplo do texto *bárbaro* a que Dalcídio se referia. Falha revisional, tanto em palavra isolada como em grupo. Em nossa edição crítica-comentada *** corrigimos essas falhas, e estabelecemos o texto final, valendo-nos da edição príncipe.¹⁹

A partir da leitura que fizemos de parte das cartas, é de se supor que Dalcídio Jurandir não tencionava encerrar o ciclo de seus romances com o **Ribanceira**. O assunto era inesgotável - sua experiência de vida. Assim, disse em 03 de fevereiro de 1978 à Maria de Belém: **Entreguei o Ribanceira ao editor, não é o romance que esperava fazer e não posso saber como e quando posso esboçar o último volume. A doença foi mais apressada do que eu. Vamos ver. Três meses depois, exatamente no dia 28 de maio, escreve à amiga, desta vez em tom de lamentação, e comenta: Pena que não possa escrever o último volume de Alfredo. Atrasei-me. As dificuldades são grandes. Talvez eu use um gravador e vá capengando, levantando a estrutura do livro. A mão não ajuda.**

Em 11 de setembro de 1978, já numa fase aguda da doença, escreve à amiga e revela: **Escrevi sete páginas do volume que viria encerrar a série dos romances e senti que o cérebro - memória, observação, senso da narrativa tudo vai bem. Não tenho dores na cabeça.** E, quase no final desta carta deixa transparecer todo o seu interesse em continuar escrevendo, sonha mesmo com isso: **Perdoa te escrever assim. Fora dos ataques vejo-me boiando satisfeito por mais um capítulo vencido.** Parece-nos, portanto, que Dalcídio Jurandir, ao morrer, deixou esboçado e estruturado parte de um romance ... só que desta vez não sabemos com quem ficou o menino Alfredo ... mas vamos procurá-lo:

* Estas cartas me foram gentilmente cedidas por Maria de Belém Menezes, filha do poeta Bruno de Menezes - ambos amigos e admiradores de Dalcídio.

A correspondência de Dalcídio Jurandir com as pessoas de seu tempo e das suas relações constitui assunto com o qual já estamos trabalhando, em **Literatura e cotidiano na epistolografia de Dalcídio Jurandir**.

** Maria de Belém Menezes e Cléo

Bernardo eram amigos fraternos de Dalcídio Jurandir



*** No momento, encontra-se em fase de conclusão a Edição Crítica comentada de **Chove nos campos de Cachoeira**,

que faço, com novas revelações sobre este trabalho de Dalcídio, publicado pela editoras Vecchi (1941) e Cátedra (1976)

Abreviaturas

- CCC - Chove nos campos de Cachoeira
- M - Marajó
- TCR - Três casas e um rio
- BGP - Belém do Grão Pará
- PI - Passagem dos Inocentes
- PM - Primeira Manhã
- PG - Ponte do Galo
- H - Os habitantes
- CL - Chão dos Lobos
- R - Ribanceira

Notas

¹ Quando avistaram o igarapé, Edmundo tentou um galope, mas o búfalo recusou-se. Alfredo pediu a Luciola que conduzisse o boi. (TCR - 263)

² Prêmio conferido pela Academia Brasileira de Letras a Dalcídio Jurandir pelo conjunto novelístico de sua obra.

³ O rosto, de perto, um vinho de *cupuaçu* aquela face a amarelidão, PI - 277 // quando fosse a casa da bordadeira poder ir lambendo o seu *cupuaçu*. BGP - 212 // *cupuaçu*, manga, aquele cabelo no escuro, a casa recendia. PM - 42 // E cheirando com tal intensidade, invadindo o chalé, *cupuaçu*, paneiros de plantas, feixes de ingá. TCR - 35 // vinha do terreno vizinho um cheiro de *cupuaçu*. M 88 // o senhor a bordo com essa mesma roupa cor de casca de *cupuaçu*. R - 125 // Voltavam as chuvas e os tabuleiros de pupunha, garapa com refresco de *cupuaçu* bebia no Nina. PG - 161 // Olha, espera que ainda vou fazer o vinho do *cupu*. PG - 83.

⁴ Bateu num guri vendedor de *pupunha*, caiu o tabuleiro, PI - 204 // Voltavam as chuvas e os tabuleiros de *pupunha*, garapa com refresco de *cupuaçu* PG - 161 // Um dia, tempo de açaí ou de *pupunha*, um dia não duvidar, tomam Belém, vão beber teu tacacá em Palácio. R - 11 // e tem nos tabuleiros muita *pupunha* cozida. H - 66 // Então nasce o Caprichoso, chegam as chuvas, vêm as *pupunhas*, despencam as mangas, C.L 206 // o moleque saltando no estribo e logo descendo como se fosse pago para aquilo, tabuleiros de *pupunha* que transpiravam ao sol, BGP - 42 // estava Danilo, com o mesmo ar de navegante, trazendo-lhes *pupunhas*. TCR - 77

⁵ A menina apanhou uma folha de *atinga de mulata*, cheirou fundo, como se aspirasse a Escola Normal, a cidade, Alfredo baixou os olhos meio um culpado. (PI - 28).

⁶ Comeriam a cabeça de *gurijuba* no tucupi, M - 310 // ah, cabeça de *gurijuba* no tucupi com pirão de farinha d'água PG - 70 // Orvalhos e cheiros da madrugada, praia de camarão e *gurijuba* R - 23 // Sim, me atolei nas botas pelo mangue, descamei foi muita caboclinha ao pé das *gurijubas* e dos caranguejos. PM - 53 // Entre os potes de mel e as cabeças de *gurijuba* do Ver-o-Peso? PI - 105 // Nisto, no ombro o braço nu pitiando a *gurijuba*. CL - 6 // examina aqui a barriga da tainha, ali a *gurijuba*, peixe grande de comer homem. BGP - 88.

7 E o piloto, os *caruanas* protegem, guardado com orações, guardado sempre seja. **PI** - 256 // conhecia muito de nome a Maria Brasileira, do Baixo Amazonas, que escutava os *caruanas* e mantinha o seu reino entre Óbidos e Parintins. **BGP** - 107 // Quem sabe o *caruana* não diz onde. **PM** - 164 // Compreendeu que aquilo devia ser assim mesmo, o *caruana* lhe fechava o corpo contra a desgraça. **M** - 212 // lá do estirão atendem ao apelo e mandam os *caruanas* pitiando a boto, **PG** - 133 // ali jogou presentes para o *caruana* do fundo. **H** - 144 // Então os peixes, todos os bichos, os *caruanas*, as almas dos afogados **TCR** - 132 // Ao que o *caruana* respondeu dali por diante, aquele tão bom tempo e aquela bem lisa maré, eu ia pelo fundo **CL** - 62.

8 E as grudes principiam a grudar o pé da Fada, as grudes do Amo, que se unge de *marapuama*. **CL** - 219 // - Uma coisa, só no maior particular ele sabe e ensina. É a *marapuama*, é o carajuru, o membro do cuati ralado... **BGP** - 343 // Ficando, ficando que acabei, de uma vez, aqui sepultado, nesta Comarca podre, já pasto das minhocas, não fosse a *marapuama* que me sustenta. **R** - 71.

9 Vai então se encontra com o Joãozinho Rangel, um cachoeirense, pávulo golquiper de fama em Cachoeira, um gato na trave, pelintrado em Belém. Tinha duas irmãs na vila, moradores da rua das Palhas. A terceira irmã na cidade, sabendo agora que era na Quintino Bocaiúva. E foi uma comprida admiração quando viu onde morava a irmã de Jovenília e Balbina, estas umas tão pobrinhas na sua palhoça de barro caindo, no fim da rua das Palhas.

Pois num sobrado da Quintino, ela morava, que são as coisas! Era um daqueles quatro, de azulejos roxo, ensombrados de mangueiras na esquina da Conselheiro. (**BGP** - 78)

10 Discutia com os meninos já agora em pleno o comando, dirigindo a manobra do seu gaiola, prancheou, desembarca. Quando aquela maior fábrica do norte do Brasil, de doces, pegou fogo à noite, o comandante correu a ver o espetáculo ali defronte da igreja de Santana. Os bombeiros não sabiam se combatiam o fogo ou combatiam o povo que iniciava o saque.

- Não tem água! Faltando água!

- E aí a caixa d'água?

- Cheia está mais das lágrimas das putas desta zona. Acuda comandantes!

E foi que o comandante também entrou naquela fúria, a comer, a encher os bolsos, no meio da fumaça, aqui apanhado pelo bombeiro, saltando adiante sobre os pudins, tropeça num bolo inglês, afunda o pé num pão-de-ló, disputa a lata da bolacha, arrebatou o queijo, precipita-se na barrica das torradas. Mais que o incêndio era a velha fome geral devorando a casa. Então irrompe no tumulto: São Pedro! Eivém o São Pedro! Tinha saltado de sua cadeira lá da igreja, entra no meio das labaredas, lançando para o meio da rua os estoques da confeitaria. Fluía ardente um rio de doce, manteiga e maisena. (**CL** - 145)

11 Entraram no Bosque. Libânia largou-se dele, desaparecendo entre as árvores como caça perdida.

Alfredo tinha o passo lento e curioso.

O silêncio e a sombra o levavam para a espessura.

Parou intimidado. Longe, era a voz de Libânia, trespassada de folhagem, pássaros e rezinas, a que se misturavam as vozes de Andreza, estórias de Lucíola, o riso de Clara, a flauta do baile das moças pobres do chalé. Voz de quem chama o mato. Era então aquele o Bosque Rodrigues Alves? Aquela areinha no chão, os coretos, os balanços, aquele pavilhão?

Libânia chamava-o.

E começou a cair mais sombra e mais silêncio e um sentimento em Alfredo, de estar ali muito só - sem as meninas de Cachoeira - que era também um pouco assustador, com uma ponta de vertigem, como se alguma cobra invisível o estivesse mundiando.

18

Edição Cátedra

Quantas covas a abrir no seu passado. uma *infância* doentia, infeliz. (30)

Chamou de ignorante a Guaribão e Guaribão quis dar pancada no Ribeirão. [] que um farmacêutico esteja à altura de saber quem é o sábio Protoplasma. (135)

Libânia emudecera.

O bosque fez descer sobre a rua a sombra de seu folharal que avançava lá do fundo em que o sol e Libânia sumiam-se. (**BGP** - 126)



12 Via a cidade se preparando, chegavam os primeiros romeiros do interior. Armavam-se, no largo de Nazaré, as diversões do arraial. Alfredo, pela primeira vez, montou num cavaleiro. E viu rodando num camelo, pernuado e branco, a boca aberta, de casemira e polar, o frango do sobrado de azulejos. (**BGP** - 269).

13 Olha a manhã verde. Verde o chão, na calçada, nos tabuleiros, bancas, alguidares, cuias, morenas, principalmente as mais acesas e faceiras do Jurunas e Marco da Légua, verde, verde as montarias que chegam da outra banda carregadas de São João. Amanheceu São João em Belém. Depois do banho de cheiro, sortes de madrugada, arrumação das lenhas para a fogueira da noite, Belém põe na cabeça a capelinha de São João. Da feira verde nesta beira d'água sai a cidade repleta de ervas, raízes, grinaldas e folhagens, verde o rio, o cais, a janela. (**CL** - 191)

14 Com três *cuias* de tacacá, bem pimenta, um camarão e jambu, **R** - 12 / Flauta, violão e um mingau no sereninho e cem réis a *cuia*, fogueira, apagando, estalos aqui e ali **BGP** - 25 // Se esqueceu em menina de cobrir o peito com a *cuia* pitinga. **PM** - 175 // Lhe traz mangas, uma *cuia* de murici, uns tucumãs **CCC** - 175 // a *cuia* de pupunha cozida ao pé, ah professora Maria Loureiro Miranda. **PI** - 118 // Na banca de D. Verônica, o exemplar por uma *cuia* de mingau. **PG** - 42 // À parte, disse: Tragam a *cuia*. **M** - 96 // toma banho de *cuia*. **H** - 139 // sopravam bolhas da *cuia* cheia de espuma de sabão. **TCR** - 31

15 Uma das passagens do romance que bem ilustra o que afirmamos é:

Que medida? indagou Missunga.

- Então não sabe? Proibindo que os pescadores armem feitorias na beirada do rio que passa pelas suas fazendas.

- Mas é legal?

- Como? A propriedade é de seu pai... E para lidar com essa gente e necessário isto. Mão de ferro no pessoal. Reservei para você uma daquelas pescadas grandes do bom tempo. E quer ir à festa de Santa Cruz? Lá tem até padre, banda de música, pequenas. Está uma vila. Tem casas de sorte no arraial... Que diabo, trabalhamos pra melhorar a terra. Sempre tenho feito alguma coisa por este lugar. Eu sou o pai de todos... Agora com o inverno na porta, vou sofrer com os pescadores batendo no meu balcão pedindo fiado. Por outro lado é o roubo do gado, a ingratidão. Não soltaram o Guarin? Está velho mas ali há um ladrão de raça, meu amigo. Justiça nesta terra é muito mansa. Seu pai não tem conta do que padece. Os patifes matam reses, porcos, flecham tudo, uns índios. Voltam a ser índios como diz bem seu pai. Mas meu compadre vai bem de saúde? (**M** - 204/5)

16

É no capítulo 35 que a água cresce mais, inunda:

No Lago Arari, Orminda viu de repente a água crescer em torno da palhoça e em toda a beirada. Via seu rosto refletido, ondulando, naquela água de inundação, seu corpo, seus cabelos pareciam mururés e olhava tanto para as águas que Ramiro falou: Eh, pequena, tu acaba flechada.

O Lago se espalhou pelos campos, comeu as lonjuras, ilhou as palhoças, bateu de leve debaixo dos jiraus, espionando o sono dos pobres. Caiu então um silêncio de princípio de mundo em que os homens se misturaram com os bichos deslizando nas águas e na lama, na escuma das enxurradas e na folha do mururé. (**M** - 248)

17

Parou o emballo, fechou a estante, desceu ao campo e tentou descobrir onde a matinta-perera tanto agourava. O chalé lhe pareceu o tempo morto, o museu das vozes mortas; abeirou-se do rio, este sim, tão vivo, tão recém-nascido. **PM** - 21/22

Texto Final

Quantas covas a abrir no seu passado. Uma *infância* doentia, infeliz.

Chamou de ignorante a Guaribão e Guaribão quis dar pancada no Ribeirão! Não cabe absolutamente, na cabeça do Guaribão, que um farmacêutico esteja à altura de saber quem é o sábio Protoplasma.

Rosa Assis é Doutora em Língua Portuguesa e Professora do Curso de Letras e Relações Públicas da UNAMA. Autora do livro "O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir" - (1992 - UFFa), entre outros